

11-01-2021

Aula de SURF

Angelo Bernardo M. Offen

[Cientista Social e das Humanidades - Algarve / Portugal]

Pois que eu havia deveras de terminar a aula que mal houvera iniciado, a despeito de haver eu mesmo ficado chocado com a reação que eu premeditadamente havia preparado, conforme vos relatei na última Coluna Opinião. Pensei em relatar este desfecho em ocasião mais propícia, quando o assunto voltasse ao escaninho do esquecimento.

Mas cá não me contive. O tema do racismo estrutural não se esgota a ponto de ser, mais uma vez, jogado no porão da memória. Assim, cá relato como terminei a aula que anunciei em minha última aparição por aqui: portugueses ou não jamais estarão preparados para serem punidos por serem aparentemente não racistas, desde que façam parte de uma sociedade profundamente racista. Está por óbvio esclarecer que uma sociedade que odeia o negro por ser raça distinta da branquitude dominante odiará também os brancos que se associam, acasalam-se ou defendem os negros. Brancos “acrioulados” serão odiados tanto quanto negros. Pois desenvolvi o argumento para dizer que não basta dizer “*eu não sou racista*”. Soa como falsidade esta afirmação, enquanto você continuar inserido impunemente nesse tipo de sociedade, sem lhe dedicar indignação e reação adequada. O racismo cheira a podre e você tenta se redimir dizendo “*eu não sou racista*”, como se estivesse a dizer que não sente o cheiro de podre ... com o dogma “*eu não sou racista*”. A sentir a manutenção do desconforto dos alunos, inclusive porque dois alunos retiraram-se da aula com cara de poucos amigos, fiz uma opção, nem sei se a mais correta, de dar uma guinada no tema do racismo para o tema da homofobia. Senti num átimo que o tema do racismo era explosivo, pois ali naquela turma de futuros cientistas sociais havia muitos que se autodeclaravam “*eu não sou racista*”, mas nada tomavam em atitudes contra uma sociedade profundamente racista - a sociedade portuguesa em que estudavam ou a de seus países de origem, inclusive d’África -. Mudei para o tema da homofobia porque afinal, racismo, machismo, violência contra a mulher, homofobia, ódio religioso, ódio contra refugiados fazem parte da mesma raiz discriminatória das sociedades desumanas. Meus alunos ora e vez têm-me ouvido falar de “sociedades desumanas”, quando falo em “sociedades humanas” que praticam o ódio como estamento superestrutural de seus aparelhos ideológicos.

Os casos são vastos, se não unânimes, mas fiquemos em exemplos mais próximos de sociedades desumanas típicas: Portugal, Brasil e EUA. Pode haver variações de graus de desumanidade, mas estes são os países dos quais trato em minhas preleções propulsoras dos debates em classes, aliás, salas de aula. Portugal por razões óbvias, ora pois, cá estamos. Brasil, por ser a vítima predileta da colonização lusa da qual me envergonho por razões também óbvias.

EUA, por termos, cá em terras lusas de darmos tantas vezes aulas em inglês para alunos estrangeiros, ainda que mesmo oriundos de países de língua portuguesa.

EUA: o imperador da língua e das desumanidades...

Fui, no espaço de duas e poucas horas, ao clímax do exercício da retórica a que todo professor deve se dar: em palavras poucas dizer a que veio a estar ali como mestre outorgado por alguma instituição. No meu caso uma instituição que se pretende “ensinar” direitos humanos. Vejam em que embrulhos me meti ao aceitar o desafio. Logo eu, um apaixonado pelo surf, mas aqui professor. Naquela aula, impostada a mim e por mim como fundamental para discutir o racismo, apelei-me de José Régio. Meu patrício de Vila do Conde, nascido há 120 anos, soava-me bem ante alunos visivelmente incomodados...

Vem por aqui" - dizem-me alguns com os olhos doces

Estendendo-me os braços, e seguros

De que seria bom que eu os ouvisse

Quando me dizem: "vem por aqui!"

Eu olho-os com olhos lassos,

(Há, nos olhos meus, ironias e cansaços)

E cruzo os braços,

E nunca vou por ali...

Logo a seguir discorri sobre a ausência de negros no circuito de surf. E emendei: “*Já vistes pretos a surfar em Portugal?*” Silêncio... “*E paneiros?*” Paneiros é como se fala por aqui de viados, o termo pejorativo de homoafetivo (gay masculino) aí no Brasil. Pois então, vestido de José Régio, arrematei para que essa classe fosse emblemática dentre as minhas classes já ministradas. Poderia até não ser para esses gajos de uma turma preponderantemente masculina, mas para mim era um divisor de águas, quase uma onda gigante de Nazaré que eu nunca houvera tido a ousadia de galopar. Muitos de meus alunos eram sabedores de minha paixão pelo surf. Desferi o meu floater* como se estivesse imaginariamente surfando em Nazaré.

“Nesta turma temos dois pretos, mais dois que devem ter ascendência negra, dois brancos que se retiraram há pouco, e agora conto junto convosco mais 11 homens brancos e duas moças brancas. Todos têm lá sua origem portuguesa de agora ou d’antão. Os dois pretos e os dois de provável ascendência não podem esconder sua cor. Podem até renegá-la, mas não escondê-la. Já paneiros não o sabemos. Podemos aqui ser todos paneiros ou nenhum. E o que importa isso? Isto aqui é uma aula de direitos humanos. Negros sabidos ou paneiros enrustidos todos somos humanos e todos, sem exceção de nenhum de nós, temos o direito a surfar e competir. E se pensardes bem temos direito ao mar e ao céu e aos nossos sonhos. Pois saibam que negros e homens gays não frequentam o circuito do surf. Vou ler para vós um trecho de reportagem do mês de dezembro último:

continua

‘Em quase 50 anos de disputa do circuito mundial, são raríssimos os casos como o do australiano Matt Branson, que se assumiu gay - mas apenas muitos anos depois de abandonar as competições, justamente por medo de que fosse "descoberto" como homossexual.’ *Pois ainda, Kelly Slater, considerado o maior campeão de surf de todos os tempos diz que para cada 100 brancos há um negro ou menos no circuito. Ora, pois, não estamos a falar de esportes náuticos das elites que exigem fortunas e afortunados, falamos de oportunidades impedidas pelo preconceito e pelo desrespeito aos direitos humanos. Não podemos ir por aí, por isso fico por aqui com o poeta José Régio...*”

*Floater - flutuar na espuma alta da onda, manobra usada quando a onda tem uma seção quebrando na frente e assim o surfista pode ultrapassar o ponto para chegar à parte aberta da parede.

Fontes:

- <https://globo.globo.com/esportes/libertario-cabeca-aberta-homofobico-por-que-surfista-ainda-nao-espaco-livre-para-atletas-lgbtq-24800782>
- <https://hardcore.com.br/surfitas-negros/>

*Ide! Tendes estradas,
Tendes jardins, tendes canteiros,
Tendes pátria, tendes tetos,
E tendes regras, e tratados, e filósofos, e sábios...
Eu tenho a minha Loucura !
Levanto-a, como um facho, a arder na noite escura,
E sinto espuma, e sangue, e cânticos nos lábios...*

.....

*Ah, que ninguém me dê piedosas intenções,
Ninguém me peça definições!
Ninguém me diga: "vem por aqui!"
A minha vida é um vendaval que se soltou,
É uma onda que se alevantou,
É um átomo a mais que se animou...
Não sei por onde vou,
Não sei para onde vou
Sei que não vou por aí!*

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.